Lição 3: A afirmação de Parmênides e Melisso de que todas as coisas são um único ser

Bekker: 185 a 20-b 27

> *A AFIRMAÇÃO DE PARMÊNIDES E MELISSO DE QUE TODAS AS COISAS SÃO UM ÚNICO SER É REFUTADA*

20. Depois de expor as opiniões dos filósofos sobre os princípios, Aristóteles aqui argumenta contra elas.

Primeiro, ele argumenta contra aqueles que falaram de modo não natural sobre a natureza. Em segundo lugar, onde ele diz: 'Os físicos, por outro lado...' (187 a 11; L8 #53), ele argumenta contra aqueles que falaram da natureza de maneira natural.

Sobre a primeira parte, ele faz dois pontos. Primeiro, ele argumenta contra a posição de Melisso e Parmênides e, em segundo lugar, contra seus argumentos, onde ele diz: 'Além disso, os argumentos que eles usam...' (186 a 5; L5 #29). Sobre a primeira parte, ele faz dois pontos. Primeiro, ele argumenta contra a posição de que 'o ser é um' usando um argumento que trata do 'ser' que é o sujeito nesta proposição. Em segundo lugar, onde ele diz: 'Novamente, o "um" em si...' (185 b 5 #22), ele usa um argumento que trata do 'um' que é o predicado.

21. Ele diz primeiro que o que deve ser tomado primariamente como princípio ao argumentar contra a posição mencionada é o fato de que aquilo que é, i.e., o ser, é dito de muitas maneiras. Pois devemos perguntar àqueles que dizem que o ser é um como eles estão usando 'ser': se o tomam por substância, ou por qualidade, ou por um dos outros gêneros. E porque a substância se divide em universal e particular, i.e., em substância primeira e segunda, e ainda em muitas espécies, devemos fazer as seguintes perguntas. Eles dizem que o ser é um como um homem ou como um cavalo, ou como uma alma, ou como uma qualidade, tal como branco ou quente ou alguma outra coisa desse tipo? Pois faz uma grande diferença qual destes é dito.

Portanto, se o ser é um, ele deve ser substância e acidente juntos, ou deve ser apenas acidente, ou apenas substância.

Se, no entanto, é substância e acidente juntos, então o ser não será apenas um, mas dois. Nem difere com referência a isso se substância e acidente estão juntos em uma coisa como um ou como diferentes.

Pois, mesmo que estejam juntos em uma coisa, eles não são um simplesmente, mas um no sujeito. E assim, ao postular substância com acidente, segue-se que eles não são um simplesmente, mas muitos.

Se, no entanto, é dito que o ser é apenas acidente e não substância, isso é totalmente impossível. Pois o acidente de modo algum pode existir sem substância. Pois todo acidente é dito da substância como de seu sujeito, e a própria definição de acidente envolve isso.

Se, no entanto, é dito que o ser é apenas substância sem acidente, então segue-se que não seria uma quantidade, pois quantidade é um acidente. E isso é contrário à posição de Melisso. Pois ele sustentava que o ser era infinito, do que se segue que é quantidade, porque o infinito, propriamente falando, não existe exceto na quantidade. E substância e qualidade e coisas semelhantes não são ditas infinitas exceto acidentalmente na medida em que estão, por exemplo, juntas com a quantidade. Portanto, como Melisso sustentava que o ser é infinito, ele não pode sustentar que é substância sem quantidade. Se, portanto, o ser é substância e quantidade juntos, segue-se que o ser não é apenas um, mas dois. Se, no entanto, é apenas substância, não é infinito, porque não terá magnitude ou quantidade. Portanto, o que Melisso diz, a saber, que o ser é um, não pode de modo algum ser verdadeiro.

22. Então, onde ele diz: 'Novamente, o "um" em si...' (185 b 5), ele apresenta seu segundo argumento, que trata do 'um'.

Sobre isso, ele faz dois pontos. Primeiro, ele apresenta o argumento. Em segundo lugar, onde ele diz: 'Até os mais recentes...' (185 b 25; L4 #25), ele mostra como alguns erraram na solução desta questão.

Ele diz primeiro que, assim como o ser é dito de muitas maneiras, também o um o é. E assim devemos considerar de que maneira eles dizem que todas as coisas são um.

‘Um’ é usado de três maneiras: ou como o contínuo é um, tal como uma linha ou um corpo, ou como o indivisível é um, tal como um ponto, ou como aquelas coisas são ditas ser uma cuja natureza [ratio] ou definição é uma, como a bebida e o vinho são ditos ser um.

Primeiro, portanto, ele mostra que não podemos dizer que tudo é um por continuidade, porque um contínuo é, em certo aspecto, múltiplo. Pois todo contínuo é divisível ao infinito e, assim, contém muitos em si como partes. Portanto, quem quer que sustente que o ser é um contínuo deve sustentar que ele é, em certo aspecto, múltiplo.

E isso é verdadeiro não apenas por causa do número das partes, mas também por causa da diferença que parece existir entre o todo e as partes.

Pois há uma questão sobre se o todo e as partes são um ou múltiplos. E embora essa questão, talvez, não pertença ao assunto em pauta, ela é, no entanto, digna de consideração por si mesma. E aqui consideramos não apenas o todo contínuo, mas também o todo contíguo, cujas partes não são contínuas, como as partes de uma casa que são uma por contato e composição. É claro que aquilo que é um todo acidentalmente é o mesmo que suas partes. Mas isso não é verdadeiro para aquilo que é um todo simplesmente. Pois se aquilo que é um todo simplesmente é o mesmo que uma das partes, então, pela mesma razão, seria o mesmo que outra das partes. Mas coisas que são idênticas à mesma coisa são idênticas entre si. E, assim, seguir-se-ia que ambas as partes, se forem consideradas simplesmente como sendo o mesmo que o todo, seriam idênticas entre si. Daí seguir-se-ia que o todo seria indivisível, não tendo diversidade de partes.

23. Em seguida, onde ele diz: ‘Mas para prosseguir...’ (185 b 18), ele mostra que é impossível que tudo seja um como o indivisível é um. Pois aquilo que é indivisível não pode ser uma quantidade, já que toda quantidade é divisível. Como resultado disso, não pode ser uma qualidade, se se entende que estamos falando de uma qualidade que é fundada na quantidade. E se não é uma quantidade, não pode ser finito, como Parmênides disse, nem pode ser infinito, como Melisso disse. Pois um termo indivisível, tal como um ponto, é um fim e não é finito. Pois o finito e o infinito são encontrados na quantidade.

24. Em seguida, onde ele diz: ‘Mas se todas as coisas...’ (185 b 19), ele mostra como não se pode dizer que todas as coisas são uma na definição [ratio]. Pois se isso fosse verdadeiro, três absurdos se seguiriam.

O primeiro é que os contrários seriam um segundo a definição [ratio], de modo que as definições do bem e do mal seriam as mesmas, assim como Heráclito sustentava que as definições dos contrários eram as mesmas, como fica claro na *Metafísica*, IV:3.

O segundo absurdo é que as definições [ratio] do bem e do não-bem seriam as mesmas, porque o não-bem segue o mal. E, assim, seguir-se-ia que as definições do ser e do não-ser seriam as mesmas. E também se seguiria que todos os seres não seriam apenas um ser, como eles sustentam, mas também seriam não-ser ou nada. Pois coisas que são uma na definição estão relacionadas de tal modo que podem ser usadas intercambiavelmente como predicados. Donde, se o ser e o nada são um segundo a definição, então segue-se que, se todos são um ser, todos são nada.

O terceiro absurdo é que os diferentes gêneros, como quantidade e qualidade, seriam os mesmos segundo a definição [ratio]. Ele expõe esse absurdo onde diz: ‘... “ser de tal e tal qualidade” é o mesmo que “ser de tal e tal tamanho”’ (185 b 24).

Devemos notar, no entanto, que, como o Filósofo diz na *Metafísica*, IV:4, contra aqueles que negam os princípios, não pode haver demonstração incondicional que proceda do que é mais conhecido simplesmente. Mas podemos usar uma demonstração por contradição que procede daquelas coisas que são supostas por nosso adversário, as quais coisas são, por enquanto, menos conhecidas simplesmente. E assim o Filósofo, neste argumento, usa muitas coisas que são menos conhecidas do que o fato de que os seres são múltiplos e não apenas um — o ponto sobre o qual ele argumenta.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:27:37 by Admin
Updated 1 October 2026 23:32:20 by Admin